

# FANTOCHES



## SUMMARIO

A SEMANA SANTA EM LISBOA. — COMO O ORGAO JACOBINO TRATOU AS LISBOETAS — ASPECTOS DO CORTEJO DO LIVRE PENSAMENTO — FAMILIAS REPUBLICANAS NAS IGREJAS.

O CASO DO JORNALISTA NIMOSO RUIZ — O MINISTRO DA GUERRA EM FOCO — URTENTE QUE DENUNCIA — SOLDADO OU JORNALISTA.

COMO SE DEFENDEU HOMERO — OS BOATOS CONTRA OS MONARQUICOS — O «LEADER» DEMOCRATICO E O FAMOSO POLICIA O HISTRIONICO CHEFE POLITICO.

N.º 8

Preço avulso 20 réis

Numero encadernado 40 réis

Lisboa 16 de abril de 1914

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao DIRECTOR e EDITOR **Rocha Martins**

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO

LARGO DE S. PAULO, 12 — LISBOA

Propriedade da empresa dos «FANTOCHES»

Composto e impresso na **IMPRENSA PROGRESSO**  
Calleada S. Francisco, 23 — Lisboa

Rocha Martins

---

N.º 8

# FANTOCHES

Notas semanaes sobre os acontecimentos  
politicos

16 de Abril de 1914

## SUMMARIO

A SEMANA SANTA EM LISBOA.—Como o orgão jacobino tratou  
as lisboetas—Aspectos do cortejo do livre pensamento—Fa-  
milias republicanas nas egrejas.

\*

O CASO DO JORNALISTA MIMOZO RUIZ — O MINISTRO DA GUERRA  
EM FÓCO — UM TENENTE QUE DENUNCIA — SOLDADO OU JORNALISTA?!

\*

COMO SE DEFENDEU HOMERO — OS BOATOS CONTRA OS MONARCHI-  
COS — O «LEADER» DEMOCRATICO E O FAMOSO POLICIA — O HISTRIO-  
NICO CHEFE POLITICO.

*Director e Editor — ROCHA MARTINS*

Propriedade da empresa dos Fantoques

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO LARGO DE S. PAULO, 12, 1.º — LISBOA  
Composto e impresso na IMPRENSA PROGRESSO  
Calçada S. Francisco, 23, Lisboa



A Semana Santa em Lisboa foi uma calma, sentida e nobre demonstração de fé.

Milhares de senhoras, com os seus trajos negros, entraram nos templos e o Chiado viu passar os mais formosos rostos com a attitude serena de quem vae cumprir um dever.

Os órgãos jacobinos tinham n'essa manhã no seu italico impertinente tratado descabelladamente os catholicos; a *formiga branca* espalhara a sua intenção d'assaltar, procurara-se estabelecer uma atmospherá de receios como nos annos em que se attentou contra o altar na egreja do Soccoro e se insultaram na rua algumas pessoas que se atreveram a vestir-se de preto.

Apesar de tudo as mulheres não hesitaram com essa grande coragem instinctiva que as torna em Portugal quasi as guias da opinião ao tratar-se d'actos heroicos.

O homem, mercê das suas responsabilidades, talvez do receio de pôr em cheque o seu lar não se move por um ideal a ponto de atrevidamente ir para o desafio. Isso na generalidade. Ha um ou outro que afoitamente se mette nos perigos e tem mesmo o prazer de diante d'essa turha assalariada que para ahi espalha o terror, dizer como a despreza e como saberá defender-se sendo attacado. Ha um ou outro que de boa vontade vae para isso. Mas a mulher essa, claramente, dignamente, nobremente, sabe cumprir o que o seu coração lhe dita.

E' ella, que quando toda a gente receia pegar n'um jornal d'ataque em periodos de perseguições vae ás lojas e o agarra n'um desafio, quando as bocas masculinas se calam ante as discussões sabe affirmar o que pensa ou antes o que o seu coração lhe aconselha, é ella que está sempre prompta a sorrir ao que é o bem e a detestar o que é o mal com a admiravel percepção do seu temperamento vibratil.

Por isso ella apparece nos perigosos dias sorrindo e dispondo-se a tudo.

No periodo que estamos atravessando, uma mulher—D. Constança Telles da Gama— é por si só uma legião e um grandioso exemplo. Sósinha, com uma despreoccupação enorme por si gera uma defeza dos vencidos e cria um amparo para as suas familias. Os homens, a não ser os que se batem, valem pouco ao pé d'esta mulher que em pleno tribunal de guerra fallou do seu crêdo como a maior parte dos conspiradores não se atreveu a fallar.

Seria necessario, mesmo diante d'esse povoleu excitado, d'essa turba condusida por facinoras que tinha tentado assassínios no tribunal das Trinas e os queria continuar no tribunal marcial dizer-se bravamente como a republica falhara a sua missão e como aquillo que se julgara sêr uma aurora fôra um pesado e tormentoso poente.

Poucos o fizeram. Ella nobremente defendeu o seu ideal não por uma dedução logica como nós os que pensamos nas cousas termendas da politica mas com o seu grande instincto de quem advinhava os males.

Fillipa de Vilhena tem continuadoras em Portugal mais que os demolidores d'esse periodo romanescamente ridiculo que se chamou a revolução de 1820.

A mulher que é mãe, irmã, esposa ou noiva que é o affecto e que é o amor reprova hoje mais do que nunca os excessos da democracia e então colloca-se contra ella; dá-lhe a batalha da sua consciencia como uma infatigavel obreira na rua, no lar, no trabalho. Depois convictamente religiosa— que bello deve ser ter-se uma fé!— ella tornou-se contraria á democracia por-



que lhe foram transmudar violentamente aquillo que se habituara a amar sem lhe darem mais nada em troca. E'ahi a sua attitude o que um orgão jacobino insultantemente diz ter motivos d'ordem sensual.

Vimos uma vez passar nas ruas de Lisboa o cortejo do livre pensamento. Entre elle e a procissão do Senhor dos Passos havia apenas a differença de pairar nos ares uma nota mais expressiva d'intolerancia.

O Senhor dos Passos atravessava as ruas de Lisboa com a sua irmandade em filas, os anjinhos calcurriando as ruas com as botinhas novas a apertarem-lhe os pequeninos pés, com a sua banda regimental, os seus soldados, os padres, os prelados e quando tudo aquillo recolhia apenas ficava no seu rastro um perfume d'incenso.

O cortejo do livre pensamento com as suas creanças levadas em fileiras, a associação das mulheres republicanas de pendão arvorado, as collectividades com as taboas onde havia disticos dava a impressão que ia para uma lucta. Os seus gritos eram todos de destruição e de vingança; *Abaixo a reacção!... Morra a clericalha!...* As letras dos seus pendões eram do mesmo modo ameaçadoras e inconvenientes: *Morram as congregações!... Viva o povo livre!...*

Comprehendia-se que assim fossem batalhar quando tudo se lhes mostrasse adverso. O livre pensamento — ou antes a liberdade concedida a cada um de pensar como pensa a associação — tinha por si já o governo, a lei, a cobardia d'uma gente que para não perder o emprego, não ficar mal vista pelo barbeiro da sua rua, para emfim emparelhar com o estabelecido ia na mesma multidão empunhando agora o cabo do lettreiro como outr'ora a tocha. O livre pensamento tinha tudo isto e ainda ululava, exactamente como o catholicismo no tempo passado da sua incomprehensão. E' que os dirigentes d'essa manifestação sentiam uma cousa que naturalmente lhes chegava tambem n'um instincto. Elles podiam ter tudo por si, os soldados, os policias, os governos, o mando mas não tinham as consciencias.

E' que em Portugal ainda não se entrou no caminho de respeitar as convicções dos outros para que lhes respeitem as suas. Dentro de todo o sectario ha um despota. E o livre pensamento, na sua expressão nitida em Portugal e só aqui, é a intolerancia.

Não vem docemente com a persuasão mas sim com a violencia; não convence, impõe. D'ahi a reacção natural; d'ahi a passagem franca de todos os que se rebellam e hontem eram indifferentes para as fileiras contrarias.

Para o *Mundo*, por exemplo, o movimento para as egrejas durante a semana santa não foi senão a visita de «*muitas damas beatas, muitas mais que gostam de namorar e ainda algumas que gostam d'apertões.*»

Este jornal é o órgão do auctor da lei da separação que a fez decerto com o seu espirito sectario e sem respeitar as crenças alheias. Essa lei foi o que revoltou a alma catholica contra a republica.

Pois no partido republicano não ha quem tenha filhas educadas catholicamente, creadas por suas mães com todos os preceitos religiosos, que aprenderam a rezar como um lenitivo e a amar a igreja como um refugio?!

Ha e nós vimol-as passar tambem com os seus trajos negros, vimol-as atravessando o Chiado com a sua compostura a caminho das egrejas, senhoras conhecidas e das familias dos magnates republicanos. N'um dos dias da semana santa vimos mesmo uma das filhas do chefe do estado com a sua *toilette* negra e com um filhinho pela mão. Não admira que assim desse o exemplo da sua fé quem foi educada nos preceitos d'uma religião á qual seu pae presta tanto preito que não hesita em fazer realizar n'um templo o consorcio de suas filhas. O sr. dr. Bernardino Machado seguiu tambem eguaes preceitos quando do casamento de seu filho; outras figuras prestigiosas do regimen do mesmo modo procederam e n'um cumulo — diga-se a verdade — o sr. dr. Affonso Costa fez baptisar a sua filhinha na igreja.

Ora com estes principios nos proprios lares republicanos não poderão jamais as mulheres assim educadas deixarem de prati-



car a religião. Por isso Lisboa as viu atravessar n'uma legião para os templos.

Para quê?!... Para orar?!... Para darem a prova d'uma exteriorisação de fé?!...

Que o digam as senhoras portuguezas entre as quaes iam muitas de familias republicanas.

Sim que o digam porque iam assim vestidas de negro, ajoelhar diante dos altares?!.

O *Mundo* órgão do auctor da lei da separação diz na sua linguagem de bordel — que para namorarem, que para o aperto.

E é assim com este respeito pela fé alheia que os pseudo liberaes, os jacobinos, querem que lhes acatem as suas! ..

O sr. ministro da guerra, que tem uma noção de disciplina a qual começa nos atacadores das botas da tropa e acaba no tosquiado das cabeças, vae ao que se diz submeter a conselho de guerra o jornalista Mimoso Ruiz.

Mimoso Ruiz, a quem o órgão do dictador Costa chama expenitenciarario, é um amnistiado politico que nem diante d'um juiz disse com voz tremula ser um simples jornalista como fez no 28 de Janeiro o sr. França Borges nem rapou o bigode para se metter n'uma empreza como o sr. Affonso Costa quando da scena do elevador que precedeu o regicidio. O sr. Mimoso Ruiz foi condemnado como monarchico e devolvido á sociedade por uma amnistia, que ajudámos a arrancar do poder mas com a sua saude completamente arruinada.

As cellas da Penitenciaria para onde a republica atira os que lhe são contrarios geram mais victimas que os calabouços do Cabeço de Bola onde homens apanhados com armas na mão gosaram de todas as regalias desde as machinas de fazer café ás noticias com que lhes quebravam a incomunicabilidade. O sr. Mimoso Ruiz, jornalista, sofreu tudo aquillo e ao que parece preparam-se para lhe infligir novos sofrimentos.

E' que o sr. Mimoso Ruiz é reservista n'um exercito em que o sr. general Pereira d'Eça, instaurador dos processos de 27 d'Abril, é chefe.

A penna do jornalista verbera a acção indigna d'um official, a ordem do ministro da guerra attinge o soldado. O delicto commettido pelo homem de jornal vae ser paga pelo galucho.

Ora nós não somos, não queremos ser, não seremos jamais militares, atiramos mesmo ás ortigas um futuro que da farda podia vir e por isso d'aqui podemos fallar ao sr. general Pereira d'Eça como se elle em vez d'um fero guerreiro e um implacavel inquiridor fosse apenas um cavalheiro que tivéssemos encontrado no nosso caminho a procedeer contra o que manda a razão e a logica, podemos tratar o official que o jornalista-soldado atacou como a um vulgar frequentador da *ginginha* em dia de recebimento de soldo.

Vamos pois ao caso:

Em tempos houve um official que se jactou de denunciante diante d'um tribunal de guerra. Era um capitão. Houve um jornal estrangeiro que publicou o nome. A figura repellente do militar que era capaz de denuncia mas não de se bater tem passado nas fileiras d'um exercito, hoje descalabrado, como uma sombra negra diante de quem todos os camaradas recuam.

Pois o official que o jornalista attaca, o tenente Julio Pinto Vieira, causador do infortunio do sr. Mimoso Ruiz, jactou-se tambem d'espião e porque nas columnas d'um jornal se disse o que se provou n'um tribunal vem o sr. Pereira d'Eça — a quem se pagou com uma pasta o processo de 27 d'Abril — com um criterio de sargentão fazer condemnar quem se desafronta.

Entretanto pavoneando-se dentro da sua farda á bulgara o tenente que se confessou espião de sargentos, seguindo-os desde as tabernas a suppostos logares de conjuras, o official que levou até á Penitenciaria e ao presidio d'Angra algumas victimas continua com a sua presença nos quadros a ser a garantia do premio da delação dentro das fileiras.

Naturalmente foi uma grande fé republicana que o levou a pretender, como um policia, descortinar mysteriosas conjuras



que talvez nem existissem; decerto foi o seu temor de vêr cabida a instituição sua amada que o levou a praticar a baixeza da denuncia. Antigo revolucionario o tenente Julio Vieira Pinto tem a attenuar a sua culpa o terror de vêr perdida a sua obra?! O tenente deve n'esse caso ter apparecido na historia da revolução.

Antevemol-o d'espada nua no fragor da batalha, commandando um reduzido pelotão na Rotunda ou indo para bordo dos navios de guerra ligar-se aos que tiroteavam o throno; senti-mol-o ardendo em ideal, doido pela sua querida republica, a jurar que só viria da barricada triumphante segurando contra o peito a sua bandeira encarnada e verde. Oh! o tenente Julio Vieira Pinto diria a posteridade pode ir despejar copinhos da rija, roçar as mangas agaloadas pelo zinco dos balcões, pode denunciar, enrouquecer com alcool e sujar-se com a delação porque faz tudo isso em nome da sua fé, do ideal porque se bateul!

Livre pensador e jacobino o tenente Vieira Pinto se não se absolve faz-se por olvidar a sua culpa.

Do seu livre pensamento, porem, ha apenas a tradição d'uma capa do Santissimo e d'uma tocha; da sua acção revolucionaria mudos— talvez de pasmo por seus feitos— são os relatorios.

E mais do que nunca evocamos o cortejo do registo civil onde os sachristães se travestem em mações e os acobardados de 3 de Outubro rugem como hyenas em 6 para darem nas vistas.

Ha pois nas fileiras do exercito um delactor que a lei poupa incitando a novas e eguaes proezas; ha um official que por sua conta espionou. N'um jornal de Lisboa ha um jornalista que lhe verbera o procedimento e quando se espera que aquelle pretenda desaffrontar-se puxando da espada n'um duello ou tentando corrigir quem assim o atacava é com uma disciplina que não existe de facto no exercito nacional e podemos proval-o que se vem corrigir não o culpado mas a victima.

Sente-se que ou o official não arranhou duas testemunhas ou sentiu bem que o sr. Mimoso Ruiz podia bater-lhe mas não accetaria bater se com elle.

Isto emquanto ao tenente com o qual ja gastamos tinta em demasia. Em relação ao sr. Pereira d'Eça, general-sargento com graças casegneiras, o caso é ouro.

Supponha que o sr. Mimoso Ruiz tinha sido republicano em vez de monarchico e republicano d'aquelles a quem o directorio nomeou deputados. Apesar de reservista supponha que o atacava no Parlamento, a elle, chefe do exercito. Teriamos tambem d'ouvir a voz do instaurador dos processos de 27 de Abril a bradar que o levassem para o tribunal com a mesma desfaçatez com que manda cortar o cabello aos senhores da Joven Turquia?!...

Como seria interessante que se lhe disse-se por exemplo n'uma evocação que lhe traria á memoria tempos de mais correcção embora de menos hierarchia:

«V. Ex.<sup>a</sup> conhece um official que se declarou incompativel com a republica, um homem que viveu ao lado de Mousinho, o lealista, que o teria repellido do seu lado sem essas suas affirmações.

V. Ex.<sup>a</sup> deye recordar-se d'alguem que dizia: *Sou servilmente monarchico* e que diante do pasmo dos que realmente o eram mas não com esse servilismo, accrescentava:

«J'ai la foi de mon prince.»

Que diria V. Ex.<sup>a</sup> a um homem que assim fallasse e depois tranguisasse com os inimigos naturaes d'esse principe, com os homens chegados ao poder e que hontem eram tão odiados?!...

Se houvesse a seu lado um homem assim que lhe faria V. Ex.<sup>a</sup>?!...

Diante do olhar de pasmo do ministro o sr. Mimoso Ruiz, reservista e deputado, poderia accrescentar:

— Pois em parte senão em tudo isto pode applicar-se a V. Ex.<sup>a</sup>!...

Claro que por vontade do general o soldado sahiria do seu fauteil de deputado para o Castello de S. Jorge. Não succederia porem assim porque o militar ali seria o parlamentar.



Porque hade acontecer então que o jornalista no exercicio da sua profissão e atacando um cancro do exercito, como é o delactor, tenha que responder como se fosse um galucho que se negasse a levantar o rancho?!

Nós que não somos soldados sentimos todo o horror d'essa infame decisão, d'essa ameaça suspensa sobre todos os cidadãos que servem a patria como reservistas e são medicos, advogados, jornalistas, criticos, engenheiros.

No meio d'uma discussão scientifica o alferes medico fulano attinge o charlatão major medico beltrano e como este tem mais galões e menos sciencia applica-se ao sabio alferes uma pena disciplinar; o soldado A, advogado distincto, accusa no tribunal o tenente B e como aquelle não tem galões vae para o Castello; o engenheiro Z., homem de largas vistas modernas e capitão de reserva, attaca sobre o aspecto da má resolução d'um problema o velho general d'engenharia Y, Penitenciaria militar; o coronel P. tem a mania de pintar vacas que parecem alfices e o joven critico o cabo L, dil-o um mamarrachista, cadeia. o jornalista soldado Mimoso Ruiz castigado por attacar a tenente delactor Vieira Pinto justifica tudo o que deixamos dito.

O exercito é então a odiosa machina onde se matam as opiniões.

E nós ao vermol-o passar não o imaginamos como uma legião de defeza do solo nacional democratisado mas sim como um bando que leva no seu seio a morte não do inimigo mas do que é caro a todo o homem: a lucta em prol da justiça.

Que no serviço, dentro dentro das fileiras, no effectivo isso se mantenha é justo porque a cohesão soffreria mas em tempo de paz mais que pôdre, n'um exercito sem armas, sem cavallos, sem vida propria com um soldado jornalista contra um tenente que taberneia?! E' o cumulo, é uma aberração tão grande como a do monarchico incondicional Pereira d'Eça feito jacobino. E' mais é o culto da *formiga branca* nas fileiras. Pois é mesmo assim sr. general!...

O soldado Mimoso Ruiz podem os senhores calar com o cabouço a nós nem com a costa d'Africa a não ser que amanhã se faça uma lei pela qual todo o cidadão seja obrigado a unir os calcanhares o que pareceria uma medida de prudencia para certos trazeiros.

Quem sabe o que a esta hora o governo do sr. Bernardino Machado terá movido diante do boato terrorista lançado pelo orgão jacobino, que no tempo do sr. Affonso Costa foi o paladino d'Homero a quem Scevola e outros Scarpías de via reduzida pretenderam lançar n'uma perseguição aos monarchicos.

Homero chegou a ter honras d'um fino policia e d'um devotado amigo da republica tudo porque mergulhado n'uma infamia, que lembra pelos processos o *Tenebreuse Affaire*, ia metter nas cadeias aquelles que pelo seu combate, pelo seu prestigio ou simplesmente pela sua attitude de opposição representavam elementos a affastar para não pertubarem a digestão dos tubarões que devoram e da *formiga branca* que roe os tutanos á republica.

*Conspira-se diz o Mundo. E' um facto assente. Podem á vontade, segundo o costume virem desmentir-nos como de tantas vezes o hão feito em que o Mundo tem sido sempre o primeiro a dar o signal d'alarme mas não o farão de boa fé.*

De seguida o jornal que precisa justificar a policia reservada e o bando de sicarios que forma a guarda d'honra do affonismo, diz que os monarchicos reuniram em Lisboa e Porto e que na capital não chegaram a acordo por causa do rei a collocar no throno.

Naturalmente os monarchicos teem sobre este ponto a sua opinião assente como succedia com a França quando as republicas iam aos peores excessos, em Hespanha quando ella gerou a desordem, na Inglaterra quando o filho de Cromwel entrou no



caminho do arbitrio, por toda a parte onde d'um momento para outro, mercê da forma pessima porque se conduzem as cousas, ellas teem de mudar fatalmente.

O caso, porem, agora tem uma expressão que não deixaremos de registrar. Não se trata de revoluções phantasiosas da conjura mas sim do que a denuncia significa. Pretende-se novamente estabelecer o terror, pejar as cadeias, arvorar o pendão da *formiga branca*, entregar ás mãos do partido democratico o poder de que elle pretende obrigar o sr. Bernardino Machado a fazer um mau uso.

Naturalmente a esta hora n'esse terrivel gabinete do chefe da policia do Porto estão-se preparando novas surpresas como n'um laboratorio de maleficios dos quaes um novo Homero vae surgir.

O paiz hoje, porem, deve saber o que essas conjuras inventadas significam desde que se viu o policia admirado pelos jacobinos narrar como elles pretenderam com o seu testemunho e com a sua cumplicidade enredar os monarchicos.

Sem uma amnistia, de que Machado Santos foi um bravo impulsor com a sua ida a Belem acompanhado por individuos de todas as côres politicas, a esta hora as victimas dos jacobinos que assim preparavam conjuras com o auxilio de quem os desmascarou estariam decerto no fundo das cellas da vil penitenciaria.

Novamente o orgão de Affonso Costa volta á carga dizendo o seguinte acerca do famoso policia seu protegido:

«*Homero de Lencastre, o famoso Homero, que dos monarchicos soffreu o mais rude e violento ataque e agora por elles voltou a ser aproveitado, appareceu ali tambem e após a reunião seguiu em direcção a Caminha, atravessou para Hespanha e seguiu para Madrid em missão especial.*»

Homero o policia amado do affonsismo que por um rebate de consciencia não quiz collaborar em maiores infamias, esteve em Portugal como o denuncia o *Mundo* e não houve entre essa gente que o viu quem lhe deitasse a mão. Das duas uma, ou Homero não veio ao paiz ou a republica tem medo d'Homero,

das suas declarações, d'aquillo que elle pôde contar porque no fim de tudo—e isso deve se demonstrar—elle foi o amigo querido da facção demagógica, o braço direito de Scarpia-Scevola, o comensal do presidente do conselho d'então que o desejou conhecer. Homero foi tanto o amigo da demagogia, o seu idolo até ao momento de fugir para Hespanha diante das miserias d'elle e exigidas que por sua causa — no dia memoravel em que Antonio José d'Almeida e Machado Santos queriam saber das verdadeiras ligações d'esse homem com o governo — a apologia do policia veiu fremente dos labios de um ministro e os insultos ao heroe da Rotunda soaram da boca d'um *leader* com o elogio d'esse agora tão detestado Homero.

Como é curiosa essa defeza e como foi baixo aquelle ataque!

Ao sr. Antonio José d'Almeida, que foi um dos caudilhos da republica, respondeu o sr. Rodrigo Rodrigues, anonymo pittoresco, o seguinte, conforme o proprio *Mundo* declara:

«O nome do agente Homero não é uma lenda nem esse agente é o unico

E dadas as afinidades do poder com o jornal sente-se como todo o partido democracia pensava isto que elle dizia:

«Quem é Homero de Lencastre o homem não só discutido mas injuriado pela opposição? E' o homem que descobriu toda a conspiração de 21 d'outubro e que para a conhecer se fez elle proprio conspirador autorizado pelo sr. Caldeira Scevola. Esse homem prestou *importantissimos serviços á republica arriscando a sua pele e a sua vida. Esse homem passou logicamente a ser odiado de morte pelos monarchicos.*

.....  
O agente Homero fez um habilissimo serviço policial. Podemos dizer mais não ha noticia de n'este genero se ter feito um serviço tão notavel. *Foi tão intelligente que nem parece... portuguez.*

Em toda a parte do mundo o serviço que realisou o agente Homero seria no genero uma obra digna d'admiração. *Em Portugal os monarchicos em vez de se zangarem com elles proprios ou com a parvoice dos seus chefes revoltaram-se contra Homero.*



.....

*Os monarchicos até agora não conseguiram demonstrar senão que além de criminosamente maus, são tolos e que o agente Homero teve talento necessario para os illudir e desmascarar. O seu grande crime é este!»*

Eis como se defendia brutalmente o homem que os ludibriou e como os que se julgavam espertos e tolos os monarchicos ficaram inteiramente com cara de parvos deante do agente tão habil que nem parecia portuguez!

Pois esse homem, a quem os jacobinos assim ludibriados muito desejariam deitar a mão, entra em Portugal e elles não o apanham como o espião dos monarchicos?! . . .

Não ha duvida ou elle não veiu e não houve reuniões algumas dos partidarios da monarchia ou a republica receia muito Homero, tão seu querido out'ora que ainda resoam nos nossos ouvidos as palavras do sr. Alexandre Braga contra Machado Santos que no parlamento fustigara o amigo dos jacobinos, então tornado um pilar da instituição.

Como isso foi extranho n'aquella inolvidavel sessão parlamentar!

*«Porque se procura inutilisar esse homem — Homero — a quem a republica tanto deve?! . . . dizia o leader democratico — Se não fosse elle ter-se-hiam dado scenas sanguinolentas e crueis e talvez a esta hora muitas vidas e liberdades estivessem perdidas. Se elle não cumpriu com zelo e intelligencia a sua missão correndo um permanente risco, o que seria de cada um de nós a estas horas?! Pensam que os monarquicos lhe agradeciam a anistia. Pensam que poupariam as cabeças dos republicanos?! . . . »*

E com muito medo pela sua cabeça tribunicia e com esse profundo respeito por Homero o *leader* democratico, por causa do policia que os ludibriou, chegou á ironia amarga e pungente para com o fundador da republica. Os epithetos choeram e por causa d'Homero, tanto elle era querido para o partido democratico, Machado dos Santos foi na bocca do sr. Alexandre Braga: «Napoleão d'entremez fechado nas botas de cano da *Gran-duque-*

za com o faceto caseeiro conceito de que os destinos da patria estavam escondidos nos canos das suas pistolas de papelão.»

Por Homero o *leader* tratava assim Machado dos Santos.

Agora tendo o policia ludibriado a grey, escorraçado a purria ella vem dizel-a a conspirar e não o prende dentro do paiz?!

Porque?!

Porque elle não veiu a Portugal nem ha conjura ou antes ella existe na phantasia dos Scarpias de farça para amanhã, quando Affonso Costa governar, se desembaraçarem á vontade de quem não concordar com o homem que desde as suas leis coxas e que tanto mal fizeram á propria republica até aos entremezes do coupé 44, das tentativas de suicidio frustadas da Praia das Maças e do bigode rapado no 28 de janeiro apresenta apenas uma face histrionica.





Brevemente do auctor:

**O JACOBINO**  
(Romance contemporaneo)

---

No prelo:

**Do Regicidio á Dictadura Republicana**

---

Em preparação:

**O FRANQUISMO**